

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL

Paula Aragão¹

Luciana Fiamoncini²

Bianca Natália Poffo³

Andréia Rodrigues de Souza Cardoso⁴

RESUMO

O presente ensaio traz uma breve contextualização histórica sobre o movimento da Teoria crítica com foco na discussão da Indústria Cultural e semicultura, abordando o tema no âmbito da Educação Física. O objetivo é mostrar como os estudos dialogam com o conceito de Indústria Cultural e o quanto essa interação é pertinente. Essa aproximação foi proposta por meio da relação entre o conceito de IC e quatro temas da Educação Física: arte, saúde, lazer e escola. Para tanto, buscamos artigos científicos em quatro revistas: Motrivivência, Movimento, Pensar a prática e Educação e Pesquisa. Ao final, percebemos a importância de uma formação emancipatória, capaz de desencadear atitudes críticas e autônomas, para além do que está posto cotidianamente.

Palavras-chave: Teoria Crítica; Indústria cultural; Semicultura; Educação Física.

-
- 1 Mestre em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Aracaju/Sergipe, Brasil.
E-mail: aragao_paula@hotmail.com.
 - 2 Doutoranda em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/Santa Catarina, Brasil.
E-mail: lfiamoncini@yahoo.com.br.
 - 3 Mestranda em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/Santa Catarina, Brasil.
E-mail: bia.poffo@hotmail.com.
 - 4 Mestranda em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/Santa Catarina, Brasil.
E-mail: deiarodsouza@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A educação sempre esteve fundamentada em pensamentos filosóficos de sua época, ao passo que uma dada teoria é apresentada e absorvida por propósitos pedagógico-educacionais, adaptações vão acontecendo e transformando contextos e sociedades que tentam por em prática os ideais propostos. Contudo, isso ocorre a um tempo que não se pode mensurar, pois mudanças sociais exigem sempre grandes períodos.

Ocorre que uma das teorias difundidas no nosso século percorre caminhos permeando e apresentando novos horizontes de discussões no âmbito educacional desde a década de 1930, quando o termo foi criado: a Teoria Crítica (TC). Além disso, um conceito tão mais disseminado quanto a própria teoria no qual foi desenvolvido é com maior frequência revisitado por pesquisadores educacionais: a Indústria Cultural (IC).

Esses conceitos nos incitam a entender o funcionamento da nossa sociedade consumista e em especial ligada à criação dos meios pelos quais o consumo é incentivado, por isso o contexto filosófico atual ainda põe a teoria e seu principal conceito como quesitos chaves para não só compreendermos a atualidade - mesmo que ele tenha sido criado há seis décadas -, mas buscarmos uma formação humana pautada no esclarecimento que desencadeará a transformação do ser e, conseqüentemente, modificará o contexto sobre o qual a sociedade se desenvolve.

Diversos campos do conhecimento como a filosofia e sociologia se apoiam em muitos estudos referentes à Teoria Crítica em suas áreas de pesquisa por considerá-lo ainda pertinente para discussões, em

especial ao que se refere ao consumismo, mercadorização e espetacularização de tudo e todos que nos cercam. Assim, visto a importância dada na atualidade à teoria, mas principalmente à IC, queremos contextualizar e compreender como esse processo ocorre com relação ao campo da Educação Física. Para tanto, precisamos compreender o contexto da escola de pensamento que gerou tais termos que - com certo atrevimento - a imortalizaram.

Visando apresentar como, na pesquisa em Educação Física, as temáticas dialogam com o conceito de IC e o quanto essa interação é pertinente na discussão conceitual, trazemos uma breve aproximação de quatro áreas de pesquisa em Educação Física (arte, saúde, educação física escolar e lazer) com o conceito IC. Para tanto, buscamos artigos científicos em quatro revistas: *Motrivivência*, *Movimento*, *Pensar a prática e Educação e Pesquisa*. Sendo que os artigos selecionados foram escolhidos através de uma busca combinando os termos das áreas de pesquisa (arte; saúde; Educação Física Escolar; lazer) e os termos referentes a IC (Indústria Cultural; Escola de Frankfurt; Marx Horkheimer; Theodor W. Adorno). Assim, a constituição desse ensaio se dá como uma evolução do conceito IC e do conceito de semicultura, que percorre uma reflexão a partir de obras de Adorno e Horkheimer, seguida de uma aproximação mais atualizada com autores que manifestam uma afinidade com o conceito e essa contínua reformulação característica da TC.

Por fim, o entrelaçamento entre as temáticas de pesquisa da Educação Física e os conceitos apresentam uma forma atual de trato, já que a aproximação com a Educação Física se dá pelo cunho formativo da TC. Assim, não somente apresentamos

a pertinência formativa do conceito como a possibilidade de reflexão a partir de sua relação com muitas temáticas atuais, além de mostrar que ainda há muito a se refletir a partir do conceito de IC, e que o elemento formativo é uma chave dessa discussão.

FRANKFURT: uma referência simbólica

Este estudo se inicia ao relembrar o histórico da Escola de Frankfurt e alguns aspectos sobre sua fundação como Instituto de Pesquisa Social (IPS), os principais teóricos e sua continuidade após a segunda guerra mundial. Assim, destacamos a partir das obras de Nobre (2004) e Freitag (1994) três momentos importantes: a) a direção do IPS por Max Horkheimer; b) as principais produções da TC e IC marcada pelo retorno de Theodor Adorno e Max Horkheimer para reconstruir o Instituto na Alemanha em 1950; e, c) a liderança de Habermas que propõe o paradigma da razão comunicativa (1970), que sugere repensar o sentido de emancipação, levando a um novo conceito de racionalidade em que o instrumental (ações) convive com a racionalidade “comunicativa” (entendimento)⁵.

A expressão Escola de Frankfurt remete a seus pensadores e à Teoria Crítica. Esse conceito foi baseado a partir das produções de Max Horkheimer, onde a expressão traz consigo elementos históricos e culturais fundamentados em uma intervenção político-intelectual. E de acordo com Nobre (2004) a origem do mesmo está em um texto escrito por Max Horkheimer em 1937, intitulado Teoria Tradicional e Teoria

Crítica, em que o autor expõe, argumenta e diferencia a teoria tradicional, apresentando seus limites e apontando a crítica como avanço a sua teoria.

O significado de teoria é visto pelo autor como um conjunto de ideais que orientam a ação (prática), para logo em seguida abordar o significado de crítica. Então, crítica significa dizer o que é em vista do que ainda não é, mas pode ser. Ou seja, ser crítico é ver a partir do já existente, a perspectiva do novo, de algo melhor que possa ser realizado. A teoria crítica se confirma na ação, pois busca na prática transformadora das relações sociais a constituição ou confirmação da sua teoria. Pois “a prática é um momento da teoria” (NOBRE, 2004, p. 12).

O primeiro princípio fundamental da teoria crítica é a orientação para a emancipação, sendo o segundo princípio o comportamento crítico. Esses princípios são herdados de Karl Marx e procuram mostrar a possibilidade da sociedade emancipada, em que a teoria busca identificar e analisar os possíveis obstáculos para uma potencial emancipação.

Horkheimer e Adorno investigaram a razão humana para compreendê-la nas relações sociais buscando relações igualitárias entre homens e mulheres e homens livres e iguais. Questões que se fizeram importantes diante do capitalismo que criou e reforçou relações de desigualdade, exploração e injustiça. Eles buscam outro caminho afastando-se do materialismo histórico (já sufocado/superado de algum modo) e do positivismo e neopositivismo que dominavam as ciências naturais e humanas de sua época (até hoje).

5 Neste estudo o terceiro momento da Teoria Crítica não será aprofundado, visto que o foco deste texto é a Indústria Cultural.

Na atualidade, afirma Freitag (1994), a Teoria Crítica se evidencia não pela sua capacidade de preservar uma “escola de pensamento”, mas ao contrário, por sua capacidade de renovação, reformulação e autocrítica. Em virtude disso, percebemos que ainda hoje tanto a TC quanto a IC são conceitos que abrangem não somente a sociologia ou a filosofia, mas também outros campos do conhecimento como é o caso da Educação Física.

INDÚSTRIA CULTURAL X CULTURA ESPONTÂNEA

O termo IC, tem por base a ideia de que a cultura humana deixou de ser espontânea, para se tornar um âmbito de exploração econômica voltado para o lucro e manutenção do sistema capitalista (Duarte, 2007). Os meios de comunicação, tecnológicos e de entretenimento tomaram uma proporção gigantesca em relação ao cotidiano, a nossa visão da realidade na sociedade contemporânea.

Estes meios têm seu compromisso firmado com a rentabilidade na realização de negócios e na busca da manutenção da estrutura que lhe possibilita obter tais lucros e manter seu poder de influência. Isso faz com que a ação desses aparatos de produção e difusão de informações gere a manutenção do estado de manipulação, de aparente liberdade, da regressão da espontaneidade, da privação. Os meios de comunicação de massa ensinam que temos de aceitar o mundo dessa forma, pois, “sempre foi assim”. (Duarte, 2007).

Enquanto discussão relacionada ao esclarecimento de mistificação das massas, os autores da dialética do esclarecimento definem a

anti-razão do capitalismo totalitário, cuja técnica de satisfazer necessidades, em sua forma objetivada, determinada pela dominação, torna impossível a satisfação de necessidades e impele ao extermínio dos homens. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 29)

A relação entre mercadoria e consumo é abordada enquanto papel da alienação da IC, pois como descrevem os autores a cultura passa a conferir a tudo um ar de similaridade. E assim os setores de entretenimento e informação (como por exemplo: cinema, rádio e revistas) são coerentes em si mesmo e em conjunto, uma vez que constituem um sistema correspondente.

O raciocínio mercadológico se aplica à sociedade de modo que “para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 58). Essa missão é possível, pois os consumidores são atingidos por um fornecimento hierárquico organizado de modo que cada qual se comporta espontaneamente conforme sua classe social e assim consome a categoria dos produtos de massa fabricada para certo poder aquisitivo. Nesta lógica todas as pessoas devem sentir-se incluídas no sistema de consumo, pois assim, a IC adquire o poder de dominar os sujeitos e sua capacidade e habilidade em consumir.

Para tanto, os produtos oferecidos para esses consumidores se apresentam uniformes e sedutores, o que caracteriza mais uma vez o poder que a cultura de massas exerce sobre o consumo, transformando a ambição de adquirir produtos que são idênticos em sua essência. E assim, o binômio de consumo e produto é traçado na lógica do espetáculo, capaz de atingir todas as camadas sociais e ter aceitação sem

resistência, pois estas surgiram da necessidade construída para os consumidores.

Então, apresentamos os aspectos ligados ao espetáculo, à sedução, à promessa de que o consumo trará um sentimento de satisfação e felicidade. “Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 67).

O que a IC tem feito é se impor sobre nossas próprias imagens; rouba-nos sonhos, histórias e projetos. Aos poucos, com a enxurrada de imagens e informações trazidas a nós pelos meios de comunicação de massa, somos transformados em “felizes” consumidores de programas de entretenimento desconectados da realidade, separados da vida. Isso ameaça nossa capacidade de pensamento próprio, de reflexão crítica, de indignação e solidariedade. Atréados a modismos, nos dedicamos às superficialidades e futilidades ditadas a nós.

A IC por meio da veiculação de seus produtos, direciona o interesse das pessoas por padrões estéticos e culturais que acabaram por destituir a identidade cultural e pessoal destas. Assim, as pessoas têm seus interesses necessidades e vontades influenciadas e ainda, são manipuladas sem que percebam, pois diariamente, a cada instante, outro produto chega ao mercado, novas descobertas tecnológicas e científicas são anunciadas e implementadas em um determinado produto. Sempre de forma atrativa para garantir a venda das mercadorias e a adaptação do indivíduo como um consumidor em potencial. A aparente variedade apresentada traz embutida a simplificação dos temas, nada que perturbe ou que possibilite tomar consciência da realidade. O consumidor é desobrigado

de qualquer crítica, passa a querer apenas digerir facilmente o que a ele se apresenta. Assim, os produtos passam a ter vida curta, pois em pouco tempo não são mais novidade, deixando de ser atrativos, e então, parte-se em busca do “novo” consumível.

A pessoa se acostuma de tal modo ao olhar fornecido pela IC, que quando tem alguma oportunidade de experiência não mediada, acaba não aproveitando, pois a tendência a permanecer com o já conhecido, com a repetição, acaba predominando. O que já conhecemos não precisa de esforço de nossa parte, e tem aceitação das outras pessoas por já ser conhecido de todos, então a pessoa se rende a essa realidade aparente.

O sujeito se adapta e aceita o que a IC por meio da mídia lhe apresenta, pois não têm condições de contestar frente suas limitações enquanto um indivíduo acrítico, assim ele se adapta facilmente, constituindo uma forma de submissão (ADORNO, 2002). Apesar disso, entendemos que nem todos os sujeitos são acríticos, prova disso são os autores que formularam a Teoria Crítica e que identificaram essa relação de dominação/manipulação oferecendo subsídios para resistência, para crítica e para mudança da realidade a partir da emancipação. Apesar de imersos neste contexto de dominação da IC, podemos pela crítica, encontrar brechas para a experiência autêntica acontecer.

Então recorremos à arte e à sensibilidade (estética) para que seres humanos consigam trilhar novos caminhos, longe da violência, da hipocrisia, da alienação, da repressão. A humanidade precisa dirigir sua força para que a educação seja voltada para a resistência, para a superação dos entraves e instrumentos de alienação e dominação, como no caso da IC.

TEORIA DA SEMICULTURA

A teoria da semicultura teve origem no texto de Adorno de 1959 (apud DUARTE, 2007), na constatação de que “reconhecidamente há uma crise nos mecanismos de formação cultural (Bildung) que é indício de uma crise mais ampla da própria cultura” (p. 93). E esse pressuposto surge em meio à explicação de que o termo cultura não é aqui entendido como “santificado”, ou seja, deve-se levar em conta uma certa “neutralidade” da cultura, para que ela não se transforme em semierudição ou semi-formação. Este é um conceito construído como elemento de crítica da ideologia, e revela-se no fato de que a semicultura não corresponde à falta de cultura, mas a um processo que impede a possibilidade libertadora até da incultura.

Sendo assim, a semicultura é apresentada mais do que na pura ingenuidade dos sujeitos, mas é resultado de uma exploração do estado de ignorância, um despreparo para tal apelação. O cerne da semicultura adoniana, origina-se na “ideia de que as camadas desfavorecidas da população, antes que tivessem podido se ‘formar’ propriamente, tornara-se facialmente presa da forma atual - tecnologicamente mediada - da ideologia, isto é, a indústria cultural” (Duarte, 2007, p. 95).

Assim, a IC pretende deseducar os indivíduos evitando que eles percebam e possam usufruir de algo por eles mesmos com autonomia, permanecendo o estado de semi-formação diante dos processos culturais. Pois,

a vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma,

na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoliticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida (...) (ADORNO 1996, p.399).

Apesar desse panorama pessimista, Adorno acredita que a produção artística autônoma consegue escapar das amarras da semicultura, em virtude do potencial que sobressai ao seu fetichismo, por isso Duarte (2007) afirma que a produção artística é objeto cultural íntegro e simboliza a capacidade humana para a autonomia e a liberdade.

Em resumo, a IC se consolida na aceleração do processo de mercadorização da cultura e da conseqüente semi-formação cultural, visto que o “não-saber” apresenta um caráter emancipador para um “novo-saber”, enquanto o “semi-saber” privilegia a adaptação e impede a reflexão crítica. Assim, Pires (2002) reflete sobre a semicultura esportiva e aponta para a mercadorização do futebol brasileiro que transformou o torcedor em tele-espectador consumidor acrítico destacando a necessidade de emancipação através da formação cultural auto-reflexiva e crítica.

Diante do que foi exposto, propomos a seguir algumas reflexões sobre a Educação Física e a IC, a partir de temas como a arte, a saúde, o lazer, a escola.

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – do ponto de vista da arte

A situação da arte na cultura contemporânea é tratada no livro Teoria Estética, em que Adorno fala da ‘perda de

evidência da arte', referindo-se a arte que se torna conivente com os poderes estabelecidos, tornando-se mercadoria cultural. Essa crise surge com a mudança de patrocínio e tutela da arte (antes nas mãos da igreja e aristocracia), e dá lugar a um mercado de bens culturais (IC), impedindo segundo Adorno, a emancipação da arte. O autor reconhece que "há na expressão artística uma comunicação subcutânea com a vida social, de modo que os artistas – voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente – sempre refletem a sociedade que lhe serve de berço" (Duarte, 2010, p. 224).

Nesse panorama, Adorno entende que a autonomia da arte, é marcada pela heteronomia (características próprias submetidas a leis externas), e por situações de atração e repulsão (relação dialética), que pode ser observado na frase que segue 'a arte é a antítese social da sociedade, impossível de ser imediatamente dela deduzida'(Adorno citado por Duarte 2010, p. 225). Isso evidencia o 'caráter ambíguo da arte', pois, a importância da singularidade do artista, é inegável, sendo que, ao moldar sua obra, o artista não pode evitar o reencontro com a sociedade/realidade. Porém, Adorno insiste na diferenciação entre as mercadorias culturais e as obras de arte.

As mercadorias culturais são construídas para a venda e consumo como um produto qualquer, para entretenimento das massas, as quais têm seus gostos e necessidades manipuladas. Ao passo que as obras de arte sempre foram a "expressão qualificada, materializada em sons, palavras, formas, cores e movimento, dos mais profundos anseios e aspirações de coletividades inteiras, de um modo condizente com a dialética entre autonomia e heteronomia" (Duarte, 2010, p.227).

A obra de arte autêntica pode ser negociada sem se tornar mercadoria cultural, pois não depende de um fim externo (enfeitar uma sala, por exemplo) para existir. Mas, a arte como mercadoria cultural, torna-se parcela heterônoma praticamente absoluta, deixando de existir a dialética entre a autonomia e a heteronomia. Destaca-se nesse contexto o caráter de fetiche do bem cultural (desejo de consumo, necessidade de posse), pois Adorno observa a conversão dos antigos apreciadores de arte em consumidores de mercadorias culturais, ou seja, ao invés do prazer de apreciar uma obra de arte, "o que se busca é estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor" (Duarte 2010, p. 228). Apesar das dificuldades, Adorno aponta saídas para a situação atual da arte na própria arte.

O conceito de desartificação refere-se à ideia do fim da arte pela tendência de se descaracterizar em relação a sua criação livre visto a espoliação sofrida devido à ação da IC. Mas, também se refere à denúncia da própria arte em relação à manipulação sofrida, como uma forma de reação e criações de obras de arte de teor crítico, como espécie de antídoto ao olhar adestrado pela IC. Então, desartificação coincide com uma reconciliação da humanidade em que a vida se tornaria arte e o potencial de cada pessoa poderia ser livremente desenvolvido (Duarte, 2010). Essa possibilidade de superação crítica remete a noção de estilo. Este conceito distancia-se da ideia fechada de "forma", diz respeito a uma dialética da subjetividade criadora, como um modo de alcançar/demonstrar sua genialidade sobre a repressão e a conivência da arte com os poderes constituído da lógica capitalista coercitiva na qual atua a IC.

Como perspectivas apontadas, Adorno expõe a noção do belo natural, que não se rende a cópia, a reprodução, abrindo caminho para a sua compreensão como horizonte de criação e da experiência das obras de arte contemporâneas. Trata-se de indicar perspectivas das obras de arte como capacidade de denunciar o estado de coisas, fazendo recuperar a esperança de superação das dificuldades atuais. Adorno declara ainda que: 'a arte é promessa de felicidade, a qual é quebrada' (Adorno citado por Duarte 2010, p. 242).

A partir dessas ideias de Adorno sobre a arte (expressão, denúncia, transgressão, etc.), possibilita pensarmos sua presença na educação em geral e na Educação Física. Então, ao propor a arte na Educação Física, é necessário ter em conta o que a IC tem produzido sobre ela, pois do contrário, estaremos apenas reforçando os domínios desse mundo administrado pela IC. A arte autêntica expressa em sua simbologia o mundo da qual faz parte, porém com viés contestador, crítico, transgressor. É nesse viés que a Educação Física precisa adentrar, independente do conteúdo a ser trabalhado (jogo, dança, esporte, etc.).

A criação, o imaginário, a expressão de conteúdos da personalidade, a quebra de padrões do cotidiano, a intuição, a sensibilidade, a capacidade de reação mais espontânea, entre outros fatores, podem facilitar a apreensão da cultura no sentido da construção de novos significados (SCHWARTZ, 1999). Schwartz (1999) propõe a arte no contexto da Educação Física e salienta semelhanças entre arte e jogo sugerindo a formação de indivíduos construtores ativos de suas culturas ao invés de expectadores e consumidores passivos. Entende que "arte e jogo são formas abertas de expressão e

permitem que o expectador se relacione com elas" (p.50).

Diante desta perspectiva apontada, entendemos que o professor de Educação Física deve estimular outras maneiras do jogo acontecer, deve construir regras junto com os alunos e valorizar o movimento que cada aluno puder realizar para atingir o objetivo do jogo (independente da forma já conhecida). A Educação Física pode realizar uma "desartificação" do jogo, da dança, do esporte, da ginástica, no momento em que propor aulas que questionam a cópia, a reprodução dos movimentos e que experimentem e construam um outro fazer na Educação Física, em que cada aluno é atuante e coresponsável pelo andamento das aulas. Nesse contexto, a presença da arte se faz pela criatividade, expressividade e autonomia, oportunizada aos alunos.

A cooptação da IC pode ser confirmada na pesquisa realizada por Nepomuceno (2010), em que foram entrevistadas pessoas em espaços de dança informais, para averiguar como a IC tem influenciado no movimento dançado. Foi identificada a presença marcante das danças difundidas na mídia e como esses padrões de movimentos se repetem. Ficou evidente que a dança é mais um dos muitos produtos da IC, com seus movimentos estereotipados que dita como será a próxima dança da moda. A pesquisa revela que quem foge dessa normatização de realização dos movimentos pré-determinados, sente-se ridículo, pois o normal para essas pessoas é ser semelhante. E, como se refere Zuin (2001), "a provável sensação de monotonia é facilmente compensada pela felicidade de se sentir integrado". Identifica-se assim que a cultura e seus produtos são um meio de integração e de reafirmação da cultura existente.

Ainda que amortecidos e dormentes pelos esquemas de dominação da IC, podemos reagir, podemos encontrar formas de ser singular, de expressar nossa subjetividade numa cultura de padrões, mesmo que seja em alguns momentos. Vista dessa forma, a arte na Educação Física permite que encontremos esses momentos, é uma das possibilidades da arte espontânea acontecer. Mas, para que o movimento espontâneo aconteça é preciso que estejamos abertos e dispostos a possibilidades inesperadas. Ou seja, precisamos permitir que o movimento fluísse, pois daí poderemos expressar nossa subjetividade e então perceber o que podemos realizar, o que podemos criar. Isto acontece na dança quando deixamos que o movimento aconteça sem uma determinação anterior, sem nos preocuparmos com o modo exato do movimento acontecer, sem pensar anteriormente na forma que o mesmo pode adquirir. O que importa é a sensação, o significado que terá para cada um de nós e que, portanto, nos move em tal direção.

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – do ponto de vista da saúde

À sombra do conceito de saúde a Educação Física é apontada pela mídia como uma área capaz de contribuir para controle e prevenção de comorbidades, desenvolvendo nesse discurso midiático um novo papel social influenciado também pelo ideal de beleza e pela indústria farmacêutica. Por meio de grande quantidade de informações para modelar, cuidar e embelezar o corpo de mulheres e homens a Educação Física apresenta cada vez mais uma

característica de prevenção da “feitura”, ou seja, aquisição da forma física adequada àquela imagem de beleza sutilmente direcionada aos consumidores, que não medem esforços para alcançar essa imagem.

Pensando em saúde o sintoma dor é considerado indicador de algum problema a ser diagnosticado e tratado, entretanto, Torri, Bassani e Vaz (2007), ao analisar o ambiente de uma academia de ginástica em uma capital brasileira encontraram uma naturalização do sintoma dor apresentando para eles outras significações como sinônimo de resultados e de preço a ser pago para conquistar o corpo desejado pelo imaginário social veiculada pela IC da beleza. Arelada a dor Torri, Bassani e Vaz (2007) também identificaram a privação e o sacrifício como formas de compensação na busca pelo corpo perfeito das capas de revistas.

Assim como a imagem corporal, o tratamento de doenças e de sintomas (entre elas a dor) também é permeado por estratégias midiáticas que conferem status ao produto/medicamento tais como poder, segurança, reconhecimento social, sensualidade, felicidade etc., que provocam atitudes de identificação fascinada e acrítica comprovadas por Telles, Costa e Severiano (2009) quando compararam os medicamentos marcas com os medicamentos genéricos e identificaram o papel homogeneizador e alienante da IC também sob influência da Indústria Farmacêutica.

O uso isolado ou em conjunto de medicamentos, ginásticas e/ou próteses (técnica cada vez mais comum no Brasil), são mecanismos para eternizar o corpo jovem que atende àquele ideal de corpo perfeito constituído no imaginário social como sinônimo de saúde e felicidade

adequados à sociedade atual. Silva e Gomes (2008) apontaram uma correlação entre as imagens corporais de um seriado de TV com figuras mitológicas, entre elas Apolo, deus grego da beleza, juventude e da Luz, evidenciando o direcionamento e a busca pelo ideal de corpo perfeito.

Essa busca não se limita aos corpos homens e mulheres, mas se estende a visualização dessa imagem representada em seus filhos. Assunção, Assis e Campos (2012) analisaram a educação dos corpos infantis na revista "Pais & Filhos" no período de 1968 a 1977 e identificaram que a criança bela é branca, magra ou robusta, limpa, envolta por roupas alegres e modernas, que se alimenta bem, brinca, se movimenta e se desenvolve de acordo com a norma. Ainda segundo os autores, a revista "Pais e Filhos" se apropria dos saberes da medicina e da psicologia para fundamentar seu discurso sobre a saúde das crianças que se configura não apenas como ausência de doenças, mas também como um estilo de vida.

Percebe-se assim, que a IC, instrumentalizada pela mídia, exerce sua influência para alienar o cidadão, pois "o corpo é educado desde a infância por saberes, práticas e pela materialidade do mundo que o cerca" (ASSUNÇÃO, ASSIS e CAMPOS, 2012).

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – do ponto de vista do lazer

O lazer assim como a cultura esportiva é uma temática que traz de prontidão a discussão entre IC e Educação Física, em virtude da chamada Indústria do Entretenimento. Esta última e o consumo dos bens

produzidos para distração e diversão preenchem o tempo livre que seria destinado ao lazer (enquanto um elemento cultural que proporcionaria experiência formativa, a partir de uma ação cidadã, igualitária e democrática), destacando a distorção do que seria de fato lazer. A forma como as pessoas usufruem o tempo livre e são induzidas a fazê-lo, o consumo desses bens e o convencimento e criação da necessidade de posse, são os principais pontos de discussão nas pesquisas sobre o lazer e Indústria do Entretenimento.

Para tanto, Cavichioli; Mezzadri; Starepravo (2006), em sua pesquisa sobre a formação de hábitos e consumo de esporte e lazer em cidadãos de algumas cidades paranaenses, alertam que é mais que necessário para a atuação governamental reconhecer que o momento atual é propício ao entendimento do tempo para transformação de hábitos e consumo no tempo livre da população. Por isso, a identificação de hábitos e de uma formação voltados ao consumo de bens culturais de diversão e entretenimento de uma população suscita questionamentos pertinentes quanto ao verdadeiro sentido do lazer.

Ao contemplar o que ocorre com a população os autores refletem à luz do conceito de IC e sua principal estratégia que é educar os consumidores de tal forma que estejam sedentos e receptivos aos novos produtos, cuja responsabilidade é atribuída à mídia e à publicidade. Através de artifícios como anúncios constantes do produto, nos mais diferentes meios, por exemplo, torna cada vez mais escassos os momentos de reflexão para o consumidor que busca na diversão do consumo massificado uma vida mais humana, mas que ao final sempre deixa a sensação de esvaziamento. E esse é justamente o poder eficaz da capacidade

técnica que está a serviço da ideologia voltada ao negócio, ao prazer e à diversão permitidos pela IC. Esse é o seu objetivo, a produção de bens artísticos e culturais que possam ser consumidos.

A constatação de que o tempo livre como um momento propício para a reflexão, que ofereceria condições de certa independência, de certo distanciamento da própria sociedade que o produziu, não se estabelece na sociedade subordinada ao valor de troca, à valorização da mercadoria em detrimento do que proporcionaria uma experiência para a formação, para o exercício da cidadania e da autonomia. Tal constatação confirma o que os teóricos críticos puderam esclarecer acerca do processo da IC.

a Indústria Cultural não é, pois simplesmente mais um ramo da produção na diversificada produção capitalista, ela foi concebida e reorganizada para preencher funções sociais específicas, antes preenchidas pela cultura burguesa alienada de sua base material. A nova produção cultural tem função de ocupar o espaço do lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte, sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 72).

O lazer que então encontramos no rol das mercadorias da IC como um dos artifícios para o consumo de outros produtos é concebido por Mascarenhas (2005) como o Mercolazer, uma forma estereotipada do lazer, em vistas ao processo de mercantilização de produtos e bens simbólicos.

O entretenimento que sempre foi umas das estratégias da IC esteve sempre

ocupando a posição de mercadoria valorizada pela sociedade regida pelo capital. Por isso, Marin (2009) aponta em sua pesquisa sobre o “valor” da indústria do entretenimento que a esfera da diversão desempenha cada vez mais um papel de agente de mudança dos caminhos da sociedade, capaz de gerar um modelo de sociedade totalmente alicerçada no desenvolvimento do consumo na esfera do entretenimento.

Para a autora as necessidades humanas de lazer, de diversão, entre outras, são funcionalizadas e reproduzidas pelo comércio. O entretenimento, por não fazer exigência de público, engloba a todos e atua com e sobre os sentidos e as emoções humanas, para além do trabalho da razão. Tal assertiva remete à característica imprescindível da IC, uma estratégia infalível, atingir diretamente o ponto frágil das pessoas, o que mexe com as emoções.

A partir de tais reflexões na área do lazer percebemos a importância de compreender a Educação Física como parte desse contexto e vislumbrar o potencial desse todo como proporcionador de uma “experiência formativa”, como diria Adorno (2010). Para tanto, à Educação Física deve estar claro o seu sentido enquanto componente educacional que se aproxima sem “muros” de campos de pesquisa emergentes como é o caso do lazer.

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – do ponto de vista da escola

A realidade teórica e prática apresentada no âmbito escolar é um espaço de estudo rico de situações e possibilidades a serem exploradas e que inspira ou-

tros conceitos presentes na aproximação com a IC como a alienação, a educação não-emancipadora e a reprodução do sistema. Ao analisar a relação do conceito de IC no contexto escolar é possível averiguar que os conceitos sacrifício e dor⁶ também se revelam nesse ambiente. No âmbito escolar, segundo pesquisa realizada por Torri, Albino e Vaz (2007) os protagonistas deste processo foram: professor/treinador e aluno/atleta, retratados e investigados em seu cotidiano de treinos e competições de futebol. O estudo acompanhou esta rotina, sob o foco de investigar os aspectos da educação do corpo. E os resultados foram organizados em três categorias que sugerem análises ligadas à IC, que são elas: 1) castigos, punições e sacrifícios; 2) formação humana x sonho de profissionalização; 3) rituais como técnica.

As observações realizadas por meio de diário de campo demonstraram várias situações analisadas sob o viés do conceito aqui estudado. A disciplina esta muito presente na rotina dos protagonistas, no que concerne à dedicação e esforço, e principalmente no que diz respeito à atenção que não deveria ser despendida aos pais presentes na arquibancada no momento do jogo. Adorno (apud Torri; Albino e Vaz, 2007, p. 504) “defendia que a escola deveria oferecer às crianças experiências formativas [...] o que reforça o caráter autoritário do disciplinamento corporal”. Neste sentido, o “sacrifício e a dor” podem ser considerados elementos necessários por este professor para “vencer”.

Outra característica representada neste sentido é o questionamento realizado

pelos próprios alunos, sobre a legitimidade das atividades propostas. E neste momento o professor se impunha de modo a não aceitar questionamentos. Assim, os autores propõe o conceito de Adorno à crença de que “uma educação para a severidade traria benefícios pedagógicos”, pois sugere o aprendizado da dureza consigo mesmo e consequentemente ao sofrimento em geral, associado à ciência reificada.

Desta forma os autores Torri; Albino e Vaz (2007, p. 510) destacam a importância da IC nos “processos de conformação das práticas esportivas no ambiente estudado: normas, expectativas, vocabulário e práticas estão fortemente referenciadas no esporte-espetáculo”, bem como conhecemos por meio da indústria do consumo e entretenimento, enquanto produto consumido até mesmo nas práticas escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do que apresentamos sobre IC e Semicultura percebemos a necessidade de apresentarmos também o que poderíamos chamar de elemento de formação: a educação. A qual deveria, para Adorno (2010), ser um fator de emancipação, mas ainda não o é necessariamente, ele afirma que a educação deveria/poderia evitar que o passado se perpetuasse e que o presente se prejudicasse em função do anterior. Assim, a elaboração humana do processo da IC da qual falamos até então poderia ser compreendido e desvendado através de outro processo, o processo formativo,

6 Também ligados ao tema saúde/estética.

de cunho emancipador capaz de despertar um potencial que pudesse desencadear atitudes autônomas das pessoas, que as elevasse a um grau de compreensão dos acontecimentos para além do que nos é posto cotidianamente.

Já a IC tem por objetivo esse estado ignóbil de saber ou semi-saber. A IC deixa às pessoas “uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo de bens culturais” (ADORNO, 2010, p.23). Ao contrário da experiência que em seu sentido mais profundo delibera o conhecimento e conseqüentemente o saber, pois há um aprofundamento consciente sobre algo. Adorno (2010) alerta para certa hostilidade à experiência formativa frente ao plano existencial, à pressão do mundo administrado, que gera o rancor ao desconhecido, que é a formação verdadeira. Ele indaga então: Para onde a educação deve conduzir? Para a heteronomia como vemos ainda hoje ou para a autonomia a emancipação há tantos séculos almeçadas? “A educação não deve ser pela modelagem de pessoas, nem da mera transmissão de conhecimentos, mas à produção de uma consciência verdadeira”, nos diz o autor (2010, p. 141)

Crítico dos meios de comunicação, inclusive da televisão, Adorno (2010) aponta a dimensão formativa operada por ela, como um processo de semiformação. E acrescentamos que essa assertiva adéqua-se perfeitamente aos meios que temos hoje, não só pelo tempo despendido a eles, mas pela qualidade dos produtos oferecidos e consumidos sem a menor reflexão. De algum modo os meios de comunicação e informação contribuem para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores, apesar de

não duvidar do potencial verdadeiramente formativo dos meios.

Sendo a mídia o braço operacional da IC como bem aludiu Pires (2002), vemos que os estudos que dialogam com o conceito IC, quase sempre apresentam os meios (ou um meio específico) de comunicação e informação como um dos pontos de discussão, pois o foco principal está sempre no seu conteúdo. Consideramos que a cultura corporal em geral e a cultura esportiva tornaram-se ao longo do tempo os conteúdos/produtos principais dos meios impressos, digitais e televisivos, por isso, a pesquisa em Educação Física apresenta forte tendência a discutir a transmissão e transformação do seu conteúdo pelos meios à luz da crítica ao processo da IC.

Nesse sentido, pode-se concluir que a Educação Física, nas suas diversas áreas de pesquisa, sofre influência da IC evidenciando a necessidade de uma formação emancipatória.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. 2006.
- ARAÚJO, Rafael. Caderno especial: Escola de Frankfurt. **Ciências Sociais: cibercultura**, Bauru, v. 1, n. 1, p.51-61, abr/maio. 2012.
- ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza; ASSIS, Raquel Martins de; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Belos, sadios

- e normais: as representações sociais dos corpos infantis na revista Pais e Filhos (1968-1977). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 3, jul/set., p. 571-587, 2012.
- DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte – MG: Editora UFMG, 2007.
- _____ O que está vivo na estética de T. W. Adorno. In: Hardok-Lobo, Rafael (Org.) **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Consumo e Formação dos Hábitos de Esporte e Lazer. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 241-271, maio/agosto de 2006.
- FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica Ontem e Hoje**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.
- MARIN, Elizara Carolina. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 211-231, abril/junho de 2009.
- MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, setembro/dezembro de 2005.
- NOBRE, Marcos. **Teoria Crítica: Filosofia passo-a-passo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- SILVA, Pierre Normando Gomes da; GOMES, Eunice Simões Lins. Eternamente jovem: corpo malhado, ficção televisual e imaginário. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p.197-207, maio/ago. 2008.
- TELLES, Yuri Ximenes Ávila Siqueira; COSTA, Raphael Marques de Miranda; SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Indústria cultural e a indústria da saúde: um olhar Frankfurfurtiano sobre a saúde coletiva, no âmbito da lógica de consumo. In: Encontro Nacional Da Abrapso, 2009, Maceió. **Mídia, comunicação, linguagem e objetivações artísticas**. Maceió: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009. p. 1 -10.
- Disponível em: < http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=346&Itemid=96> . Acesso em: 02 jan. 2013.
- TORRI, Giselle; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Dor e tecnificação no contemporâneo culto ao corpo. **Pensar A Prática**, Goiânia, p.261-273. 2007.
- TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, set/dez. 2007.

PHYSICAL EDUCATION APPROACHES TO CULTURAL INDUSTRY

ABSTRACT

This paper provides a brief historical background on the critical theory trajectory focusing in discussion of Cultural Industry (CI) and Semi culture, approaching the issue in Physical Education context. The goal is to show how Physical Education studies dialogue with the concept of cultural industry and how relevant this interaction is. This approach was proposed by the relationship between the concept of CI and four Physical Education themes: art, health, leisure and school. We search scientific papers in four journals: Motrivivência, Movimento, Pensar a Prática e Educação e Pesquisa. We conclude the importance of emancipatory education, that is capable of triggering critical and autonomous attitudes.

Keywords: Critical Theory, Cultural industry; Semi culture; Physical Education.

Recebido em: agosto/2013
Aprovado em: novembro/2013